

## HISTÓRIAS DA IMIGRAÇÃO

# Antes de aterrar no JFK em 1981 conheceu os trilhos clandestinos das rotas para a França



Francisco Assis Xavier: Passou pela França a sua rota para os Estados Unidos

### Fernando Santos LUSO-AMERICANO

Em 1969, ia alta a onda de emigração portuguesa para a França movimentada pela atracção da oferta de empregos além-Pirinéus e também pela fuga à guerra colonial de quantos se aproximavam dos 18 anos.

“Em 1969, aproximavam-se os meus 18 anos e no meu círculo de amigos a moda era cavar para França antes de que a incorporação militar nos enviasse para as várias frentes da guerra colonial” - lembrou Francisco Xavier contando a sua história de emigração que inclui 12 anos em França - com duas passagens clandestinas da fronteira portuguesa - antes de em 1981 desembarcar calma e legalmente no aeroporto John F. Kennedy de Nova Iorque.

Francisco Assis Xavier nasceu em Fradelos, uma freguesia do concelho de Vila Nova de Famalicão, e, jovem ainda, não teve dificuldade em arranjar emprego numa das muitas unidades industriais da área. Ninguém pode, contudo, impedir que um jovem de 17 anos sonhe com melhor vida além fronteiras, como já o estavam a fazer milhares e milhares de portugueses.

Dos 798.837 portugueses recenseados em França em 1990, 603.686 tinham nascido em Portugal. Só no ano de 1970, entraram em França 135.667 portugueses.

### 'Serviço completo' por 4.500 escudos

“Falei com um primo meu, da mesma idade, e dedidimos arrancar. Ao meu pai não lhe agradava a ideia de uma travessia clandestina da fronteira portuguesa e avisou-me logo que estava contra e que não contasse nem com um tostão para a viagem” - lembra Francisco Xavier, continuando:

“O passador levava 4 mil e quinhentos escudos pelo serviço completo, que incluía viagem de taxi até à fronteira de Montalegre, em Trás-os-Montes, passagem clandestina da fronteira e viagem de autocarro até à fronteira espanhola-francesa de Irun - Hendaye. O preço não me desagradava, mas, como nestas coisas todo o dinheiro é pouco, tentei reforçar um pouco a carteira para o que desse e viesse. Perante a posição do meu pai, e como na altura também pertencia a um rancho folclórico, pedi algum

dinheiro emprestado ao director, que o colocou logo à minha disposição”.

“Desenrasca-te, rapaz, e boa sorte” - disse-lhe o director do rancho que era proprietário de uma moagem na freguesia.

“Combinei com o meu primo, fizemos os arranjos necessários e, como na altura emigrar clandestinamente tinha os seus riscos, ambos decidimos partir sem nos despedirmos da família. No dia combinado, disse ao meu pai que ia até ao café e já não regresssei. Tínhamos o taxi à nossa espera e arrancamos para a fronteira. Só quando a tinha já atravessado é que avisei a família”.

Na verdade era o taxista, com carro numa praça do concelho, que conhecia como as palmas da mão os trilhos da emigração clandestina. Era também ele que retinha imediatamente metade do custo dos serviços, ficando a outra metade para ser paga quando

o candidato a emigrante notificasse o contacto estabelecido em Portugal de que chegara ao destino.

“Entregamos-lhe 2 contos cada um, ficando os restantes 2 contos e meio de cada um de nós nas mãos de uma pessoa amiga, que procederia ao pagamento quando a avisássemos que tínhamos chegado ao destino” - lembrou Francisco Assis.

O taxista colocou os dois jovens em Montalegre, deixando-os aos cuidados de um lavrador em cuja casa já estavam mais de trinta candidatos a emigrantes clandestinos.

“Ficamos em casa de um lavrador no concelho de Montalegre, onde já estavam a aguardar viagem umas trinta pessoas” - lembra Francisco Xavier recuando a um Outubro de 1969. “Era uma casa de lavoura e lá nos aconhegamos num coberto para passar a noite. Claro que ninguém dormiu naquela noite. Lá por volta das 4 horas da madrugada, surge um putozito, aí de 6 anos de idade, a mandar o pessoal preparar-se para a travessia da fronteira, o que tínhamos de fazer ainda a coberto da noite. O rapazito era o nosso

guia. Lá ia à nossa frente com um cãozito a seu lado, recomendando silêncio. Em determinada altura mandou tudo baixar-se, ao mesmo tempo que deu ordens ao cachorro para inspeccionar o caminho. O cãozito regressou pouco depois, aparentemente, com a mensagem de que não havia guardas fronteiriços no percurso. Avançamos, caminhando possivelmente durante duas ou três horas, até que atingimos uma outra casa de lavoura no lado espanhol”.

Ter por guia uma criança despertou no grupo alguma

cont. pag. seg.

## HISTÓRIAS DA IMIGRAÇÃO

## 'Atenção: Última chamada para Paris'

cont. pag. ant.

insegurança, mas a estratégia só mais tarde foi entendida: Se a polícia apanhasse o grupo, o passador era um menor sem responsabilidades maiores.

Ficaram a alguma distância da casa de lavoura do lado espanhol, até receberem ordem de avançar. A ordem veio, que avançaria um de cada vez e conforme recebessem sinal para o fazer.

"O meu pai manda-lhe este dinheiro dos pneus" - disse o rapazito-guia ao lavrador espanhol, aparentemente acertando contas de outras passagens.

"Comei que nunca se sabe se haverá mais comida até à França" - foi o aviso em casa deste lavrador espanhol e assim o fizeram enquanto aguardavam a chegada de um autocarro.

"No autocarro acabou o nervosismo" - lembra Francisco Assis. "Tinham-nos tranquilizado afirmando que as autoridades espanholas não interviam nesta sangria de portugueses para a França e, uma vez na fronteira espanhola-francesa, aí já sabíamos por outros portugueses conhecidos que as autoridades francesas davam as boas-vindas a todos os portugueses que tivessem identificação e uma direcção para onde se dirigir."

Foi isso o que aconteceu. Enquanto o autocarro vazio empreendia a viagem de regresso, o grupo atravessava a fronteira francesa a pé apresentando a documentação aos "gendarmes".

Todos os passageiros do autocarro receberam no posto fronteiriço francês de Hendaye uma autorização de estadia por 60 dias, período em que, se quisessem permanecer na França, teriam de obter a documentação necessária.

Francisco Assis levava a direcção de conterrâneos, na região de Bordéus, para onde se dirigiu e onde foi recebido. O primeiro emprego foi nas vindimas, depois numa fábrica e pouco depois na construção civil como operador de máquinas.

### 'Última chamada para Paris'

As lonjuras da emigração não são fáceis de suportar e muito menos para um jovem. Em Dezembro de 1973, roído pelas saudades da família, decidiu ir passar o Natal a Portugal e, se calhar, até, ir à inspecção, rumar à guerra colonial de que fugira e pôr fim por algum tempo à sua situação de emigrante.

O consulado português da região deu-lhe um título de viagem e o aviso de que teria de regularizar a sua situação militar logo que chegasse a Portugal.

Num dia incerto de De-



A estação ferroviária de Vilar Formoso, a principal porta portuguesa para a França, de um modo legal ou clandestino



O troço de linha férrea de Vilar Formoso a Irún-Hendaie foi caminho de milhares de portugueses para a França

zembro de 1973 estava a cruzar a fronteira de Vilar Formoso, em comboio, rumo ao Porto, e depois, rumo a Vila Nova de Famalicão.

Na terra, muitos dos seus amigos envergavam a farda militar, outros tinham avançado para as frentes da guerra e os riscos pareciam não ser tantos como os que quatro anos antes eram anunciados.

Apresentou-se à inspecção.

No Distrito de Recrutamento de Braga, pediram-lhe a documentação francesa, anunciando-lhe que ficaria retida pelas autoridades militares. Aceitou, mas, depois de reflectir, pediu para ao menos a focopiar.

Concluídas as diligências militares, saiu à rua para fotocopiar a documentação, mas já não regressou para a entregar.

Apurado para todo o serviço, ficou a aguardar a chamada para as fileiras, uma chamada que nunca mais chegava. As autoridades militares não tinham, aparentemente, tanta pressa como a que Francisco Xa vier tinha em ver a sua situação resolvida.

"Se não me chamais dentro de um mês, volto a fugir" - foi como Francisco Assis resumiu a sua agenda para umas quatro próximas semanas da sua vida.

"Como não me chamaram, fui bater à porta do mesmo taxista que me tinha levado a Montalegre quatro anos antes" - conta Francisco Assis. 'Levo-te a Vilar Formoso e segues de comboio' - disse-me, colocando-me nas mãos um projecto que eu achava muito perigoso, tendo em conta que era mesmo passar a fronteira nas barbas da polícia".

"Deixo-te na estação, tomas uma bica, fumas um cigarro e só entras no comboio quando ouvires o chefe da estação anunciar: Atenção, última chamada para Paris. Só entras no comboio quando ele já estiver a movimentar-se" - foram os conselhos do taxista, que sabia mesmo do assunto.

Resultou e passadas longuíssimas horas de percurso por terras espanholas, estava novamente em França.

A revolução de 25 de Abril de 1974 simplificou a

de uma imigração menos sobressaltada, onde encontrou outro país a que hoje chama segunda pátria e onde tam-

bém lhe nasceu a segunda filha.

Mas essa é outra história para contar.